



A literatura (im)possível de Franz Kafka

Ana Carolina Martins da Costa

Universidade Federal de Minas

anacarolinamartinsdc6@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a produção literária do escritor Franz Kafka a partir de conceito de literatura menor exposto pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari. Pretende-se, primeiramente, compreender as impossibilidades que definem a relação de Kafka com a literatura, para que, no passo seguinte, se possa analisar como o caráter impossível da sua atividade literária relaciona-se com o contexto de minoridade a partir do qual sua escrita se forma. Diante da impossibilidade de não escrever e das contradições de sua formação germânica, a vontade de escrita que move o escritor judeu-tcheco inaugura uma linguagem em potencial. Nesse sentido, é justamente seu caráter impossível e, por isso mesmo, revolucionário, que faz sua obra ser lida a partir do conceito deleuze-guattariano de literatura menor. Sem ocupar-se tanto das questões relativas ao significado e ao significante, pretendemos com essa análise compreender a obra kafkiana como puro objeto de experimentação, carregada da intensidade de um autor que vivia pela e para a escrita.

Palavras-chave: Franz Kafka; literatura menor; impossibilidade.

Introdução

Romancista, filósofo ou *homo religiosus*. O universo literário de Franz Kafka (1883-1924) desdobra-se em múltiplas interpretações sem, no entanto, limitar-se a qualquer uma delas. Seja pelas análises de cunho teológico ou psicanalítico, ora conferindo a sua obra uma interpretação demasiada sionista, ora considerando-a como um reflexo puro e simples da opressão paterna, quaisquer tentativas reducionistas de adentrar em um universo que possui “entradas múltiplas” estão fadadas a fracassar. A modernidade presente em suas narrativas carrega em seu seio a resistência de um escritor movido pela “vontade de escrita”; o não-pertencimento de sua obra às classificações usuais origina-se não apenas do caráter híbrido pelo qual essa se constitui, mas também reflete na sua própria condição de vida.

Nascido em Praga durante o domínio do império austro-húngaro, Kafka vivenciou o conflituoso cenário praguense fundado numa estrutura excessivamente fragmentária. De cultura predominantemente cristã e tendo seus habitantes de origem tcheca ou eslava, a cidade de Praga o acolhe na mesma medida que o afugenta. A crítica por ser artista, a perseguição por

ser judeu e as contradições de sua formação germânica o impediam de pertencer inteiramente a qualquer grupo que seja. Devido a estas circunstâncias Kafka situava-se sempre à margem: por ser judeu em meio aos alemães; por falar alemão em meio aos tchecos; por ser escritor em meio à sociedade burguesa. Sua condição de exceção perante o mundo institucionalizado fez de sua escrita uma literatura “sob todos os aspectos impossível, uma literatura cigana”. Ou, pelas análises de Deleuze e Guattari, uma “literatura menor”

No entanto, o contexto de menoridade a partir do qual a literatura kafkiana se forma não diz respeito a mera qualificação literária. Segundo os autores franceses, “‘menor’ representa as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que chamamos de grande (ou estabelecida)” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 28). Menor, marginal e até mesmo popular ou proletária, não importa tanto a sua denominação quanto o movimento que se gera pela resistência: um judeu-tcheco que, escrevendo em alemão, encontra seu próprio “ponto de subdesenvolvimento, seu próprio patoá, seu próprio terceiro mundo, seu próprio deserto” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 29).

Kafka instaura dentro da maioria da língua alemã um uso menor, marginal. Escreve em alemão, mas opta pelo alemão de Praga. Promove uma desterritorialização da língua e, com isso, transforma sua atividade literária em uma máquina coletiva de expressão: fala em nome dos sem-pátria, dos imigrantes, da minoria. É a partir desse contexto que se pretende ler a literatura kafkiana. Sem ocupar-se tanto das questões relativas ao significado e ao significante, pretendemos aqui compreendê-la como puro objeto de experimentação, carregada da intensidade de um autor que vivia pela e para a escrita: “sou apenas literatura e não posso nem quero ser outra coisa”.

Para tanto, pretende-se, primeiramente, compreender as impossibilidades que definem a relação de Kafka com a literatura, utilizando os escritos do próprio autor em seus diários, como também as considerações sobre arte e literatura de Maurice Blanchot. O último passo será analisar como essa impossibilidade de escrita se relaciona com o conceito de “literatura menor” proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari. A aproximação entre os dois temas nos parece profícua na medida em que nos permite compreender como a estrutura literária que caracteriza a escrita do judeu-tcheco se apresenta enquanto uma “máquina de resistência” frente às impossibilidades impostas pelo mundo institucionalizado.

A literatura do impossível

A cisão entre arte e vida, entre literatura e vida burguesa: a possibilidade de uma vida que só se realiza por meio da escrita e a impossibilidade de tornar-se escritor. Diante do fardo existencial que recai sob sua produtividade literária, manifestado por três impossibilidades: “a impossibilidade de não escrever, a impossibilidade de escrever em alemão e a impossibilidade de escrever de maneira diferente” (KAFKA apud KURSHEL, 1999, p. 51), Kafka dança sob a corda bamba e, como quem escreve por desespero, faz da literatura algo de impossível.

No entanto, ainda que suas potencialidades se encontram todas no âmbito literário, a ânsia pela escrita que move o escritor judeu-tcheco choca-se com sua obrigação com o trabalho. O emprego como funcionário de uma companhia de seguro torna-se uma tarefa insuportável na medida em que contradiz seu único desejo e sua única vocação: a literatura. Em seus Diários (1909-1912), Kafka escreve:

[...] fico com grande susto de que tudo em mim está pronto para um trabalho literário e que tal trabalho seria para mim uma solução celeste e um verdadeiro avivamento, enquanto aqui no escritório, por causa de um documento tão miserável, tenho de privar de um pedaço de sua própria carne um corpo capaz de tal felicidade (KAFKA, 2018, p. 60).

Contra uma força que o impede de ser escritor, opõe-se uma força ainda maior: a de uma alma literária sobreviver sem escrever. Ora, se é verdade que “a arte precisa do ofício, mais do que o ofício da arte”, é inegável que a exigência de se entregar completamente à literatura fez Kafka ir além do lugar-comum próprio de autores que se empenham em escrever obras primas e, com isso, reduzem a atividade literária a um sentido superficial. Para ele, não se trata tanto de conceber sua obra a partir de considerações estéticas quanto de sentir “sua criação ligada palavra por palavra à sua vida” (BLANCHOT, 1997, p. 24). “Escreva com sangue”, diz Zaratustra, “e aprenderás que o sangue é espírito”. Porém, como afirma Blanchot “seria mais propriamente o contrário: escrevemos com o espírito e cremos estar sangrando. O próprio Kafka afirma: ‘Não cederei à fadiga, mergulharei totalmente na minha novela, ainda que para isso eu tenha que cortar o rosto’” (BLANCHOT, 1997, p. 22).

A imagem do rosto cortado, ainda que dramática, representa aqui o esforço daquele que pretende se arriscar em sua obra, ainda que “o risco que se corre talvez não seja risco algum; longe de sucumbir, ele sai dali com uma admirável obra que multiplica sua existência” (BLANCHOT, 1997, p. 22). Uma existência não como sujeito, mas como obra de arte. Se em

“Vontade de Potência” Nietzsche nos diz que “o efeito da obra de arte é excitação do estado de criação artístico, a excitação, portanto, da embriaguez...” (2008, p. 410), Kafka, em seu diário, descreve tal estado da seguinte maneira:

Minha felicidade, minhas capacidades e toda possibilidade de ser útil de alguma maneira encontram-se desde sempre no âmbito literário. E nele certamente vivenciei estados (não muitos) que, segundo minha opinião, estão muito próximos dos estados clarividentes descritos pelo senhor, nos quais eu morava completamente em cada ideia, mas também realizei cada ideia e nos quais são apenas me senti nos meus limites, mas nos limites do humano em geral (KAFKA, 2018, p. 44).

Enquanto artista da vontade de potência, Kafka encontra na literatura a invenção de “novas possibilidades de vida”. Como afirma Blanchot:

ele sente sua criação ligada palavra por palavra à sua vida, ele se auto-recria e se reconstitui. É então que a literatura se torna um ‘assalto nas fronteiras’, uma caçada que, pelas forças opostas da solidão e da linguagem, nos leva ao extremo limite desse mundo, aos limites do que é geralmente humano (BLANCHOT, 1997, p. 24).

A forma com que Kafka se relaciona com a escrita nos faz crer que quase sempre é sua própria existência que parece estar em jogo na literatura. Contudo, a urgência daquele que vê na atividade literária o “único caminho que o pode levar ao progresso” defronta-se também com o beco sem saída que barra os judeus de Praga o acesso à escrita. A impossibilidade de escrever em alemão representa para o judeu-tcheco, educado em língua germânica, “o sentimento de uma distância irreduzível em relação a uma territorialidade primitiva, a tcheca”. Segundo Deleuze e Guattari, essa segunda impossibilidade representa a

desterritorialização da própria população alemã, minoria opressiva que fala uma língua afastada das massas, como ‘uma linguagem de papel’ ou artificial; e tanto mais os judeus que, ao mesmo tempo, fazem parte dessa minoria e dela são excluídos, como ‘ciganos que roubaram do berço a criança alemã’. Em resumo, o alemão de Praga é uma língua desterritorializada, própria a estranhos usos menores (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 26).

“Estar *em* sua língua como um estrangeiro”: a situação do nadador de Kafka reflete em uma vivência comum na medida em que traduz a condição de impossibilidade de todos aqueles que vivem em sua pátria e dela são excluídos:

Quantas pessoas hoje vivem uma língua que não é delas? Ou então nem mesmo conhecem mais a delas, ou ainda não a conhecem, e conhecem mal a língua maior da qual são obrigados a se servir? Problema dos imigrantes, e

sobretudo dos seus filhos. Problema das minorias. Problemas de uma literatura menor, mas também para todos nós: como arrancar da sua própria língua uma literatura menor, capaz de escavar a linguagem e de fazê-la seguir por uma linha revolucionária sóbria? Como tornar-se o nômade, o imigrado e o cigano de sua própria língua? Kafka diz: roubar a criança no berço, dançar na corda bamba (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 30).

Ao fazer um uso menor no interior de uma língua maior, Kafka desafia a impossibilidade de escrever de maneira diferente e opta “pela língua alemã de Praga, tal como ela é, em sua própria pobreza. Já que o vocabulário está dissecado, fazê-lo vibrar em intensidade” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 29). É no instante em que escrever torna-se mais difícil e mais impossível, em momentos em que a confusão exclui qualquer linguagem e o escritor encontra-se “outra vez cheio de capacidade medrosamente contida” (KAFKA, 2018, p. 216), que a literatura se faz necessária:

Tenho agora e já tive à tarde um grande desejo de expulsar inteiramente de mim pela escrita todo o meu estado de amedrontamento e, assim como ele provém das profundezas, lança-lo nas profundezas do papel pela escrita ou registrá-lo de tal modo que pudesse absorver plenamente em mim o que escrevi. (KAFKA, 2018, p. 239).

Kafka encara a impossibilidade de não escrever e faz dela a condição e o fundamento de sua obra. Se o ato de criação, tal como afirma Deleuze, representa um ato de resistência, nos parece profícuo ler a obra kafkiana enquanto a expressão máxima de um artista que, antes de tudo, resistiu. Fez de sua escrita um espaço de resistência ao mesmo tempo em que criou uma língua de resistência: tornou-se menor.

A literatura menor

A impossibilidade de um escritor judeu de falar em alemão, a impossibilidade de falar tcheco, a impossibilidade de não falar: “se um criador não é agarrado pelo pescoço por um conjunto de impossibilidades, não é um criador” (DELEUZE, 2013, p. 167). Kafka sabia bem disso. Como quem cria suas impossibilidades e, ao mesmo tempo, cria um possível, o escritor judeu-tcheco faz correr o alemão sob uma linha de fuga capaz de quebrar os padrões impostos pela cultura dominante e, com isso, exprime uma nova linguagem em potencial, uma língua estrangeira dentro da própria língua. Deleuze e Guattari definiram essa estrutura literária como característica de uma “literatura menor”.

Ressalta-se, primeiramente, que literatura menor “não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 25). O caráter menor, nesse sentido, não se refere a qualidade de uma produção literária, sequer diz respeito ao uso de uma língua menor, mas, antes de tudo, representa a potência da ação na linguagem: “a possibilidade de fazer de sua própria língua, supondo que ela seja única, que ela seja uma língua maior ou que tenha sido, um uso menor” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 40).

A singularidade dessa escrita demarca-se por três características essenciais, das quais a primeira se define pela modificação da língua devido a um forte coeficiente de desterritorialização. Ao recusar para si os modelos majoritários das literaturas pertencentes ao processo cosmopolita, Kafka recria sua própria linguagem no interior da língua maior do Império austro húngaro e adota a língua alemã de Praga como forma de burlar a impossibilidade de escrever, produzindo uma “desterritorialização do mundo que é, ela própria, política e nada tem a ver com uma operação intimista” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 70). Diferente do alemão “oficial”, destinado aos burocratas, as escrituras formais e as literaturas maiores como a de Goethe, o alemão de Praga, permeado de dialetos regionais e palavras do iídiche, representa a potência menor de uma língua que, pela perda de sua territorialidade, torna-se capaz de unir as diferenças, “capaz de juntar o nômade, o imigrado e cigano em sua própria língua, de escavar a linguagem e de fazê-la seguir por uma linha revolucionária sóbria” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 28).

A obra kafkiana, nesse sentido, afirma-se enquanto uma produção de gueto que, por não pretender ser universal, pertence a todos igualmente: “nos empurra até uma desterritorialização que não será mais compensada pela cultura ou pelo mito, uma desterritorialização absoluta, ainda que lenta, colante, coagulada” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 40). Progressivamente, leva a língua para o deserto.

A segunda característica se refere à “ramificação política” em suas narrativas. Se nas grandes literaturas as histórias particulares servem apenas como aporte para a afirmação da regra a partir da valorização de um contexto social maior, nas literaturas ditas menores, todas as questões individuais tendem a ampliar-se para além do espaço exíguo que ocupa até que estejam inteiramente ligadas à política. Nesse contexto

o caso individual se torna então mais necessário, indispensável, aumentado ao microscópio, na medida em que outra história se agita nele. É nesse sentido que o triângulo familiar se conecta com outros triângulos, comerciais, econômicos, burocráticos, jurídicos, os quais determinam o valor do primeiro (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 26).

Ainda que o conteúdo da obra não carregue esse viés político, ela própria, em sua essência, representa um ato político frente aos poderes instituídos e instituintes. A exceção, neste caso, não se vincula a afirmação de uma ordem estabelecida, mas transforma-se em um meio para que a regra seja questionada:

O que no seio das grandes literaturas ocorre em baixo e constitui como que uma cave não indispensável ao edifício, aqui ocorre em plena luz; o que lá provoca um tumulto passageiro, aqui não provoca nada menos do que uma sentença de vida ou de morte (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 26).

A terceira e última característica de sua obra é que nela tudo adquire valor coletivo. Segundo os autores “o que o escritor sozinho diz, já constitui uma ação comum, e o que ele diz ou faz, é necessariamente político, ainda que outros não estejam de acordo” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 27). Liberto do caráter dual entre narrador-personagem, já não há um sujeito de enunciação tampouco um sujeito do enunciado; ambos, contaminados pela perspectiva política, tornam-se parte de um agenciamento coletivo de enunciação. A estrutura particular se rompe para realizar-se inteiramente no corpo coletivo:

A solidão de Kafka o abre para tudo o que hoje atravessa a história. A letra K. não designa mais um narrador nem um personagem, mas um agenciamento tanto mais maquinico, um agente tanto mais coletivo na medida em que o indivíduo aí se encontra ramificado em sua solidão (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 28).

O desdobramento da escrita para além da figura individual do próprio escritor recria a obra literária na medida em que a concebe a partir da ideia de movimento, de um devir que se transforma em agenciamentos coletivos de enunciação. A escrita kafkiana neste sentido, só significa uma coisa:

de modo alguma literatura, mas que a enunciação constitui unidade com o desejo, por cima das leis, dos Estados, dos regimes. No entanto, enunciação sempre histórica, política e social. Uma micropolítica do desejo, que coloca em questão todas as instâncias (DELEUZE; GUATTARI, 1977, pp. 63-64).

A escrita kafkiana, nesse sentido, surge como afirmação de algo que ainda está por vir, um devir-literário que possibilita a criação de novas formas de existir. Segundo os autores, essa forma literária está determinada a preencher as condições de uma enunciação coletiva que falta em toda parte nesse meio: “a literatura é menos um assunto da história da literatura que um assunto do povo” (KAFKA, 2018, p. 262). Liberto não apenas do caráter dual narrador-

personagem, Kafka recusa também ao princípio do narrador, assim como recusará a uma literatura de mestre. Tal como a cantora Josefina que, mesmo sendo única entre o povo dos ratos, renuncia ao “exercício individual de seu canto, para se fundir na enunciação coletiva da ‘inúmera multidão de heróis de (seu) povo’” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 28).

Ora, se a escrita é o médium pelo qual as instâncias dirigentes exercem seu poder, a resposta de Kafka consiste em utilizar do mesmo meio, mas com uma inversão radical: “uma escrita da liberdade, literária ou poética, que subverte as pretensões dos poderosos” (LÖWY, 2005, p. 14). Sua narrativa menor, para tanto, se caracteriza enquanto uma máquina coletiva de expressão que, excedendo suas impossibilidades, transforma-se em uma máquina de combate contra todas as forças diabólicas que batem à porta:

Desejo capitalista, desejo fascista, desejo burocrático, Tântatos também, está aí tudo que o bate à porta. Já que não se pode contar com a revolução oficial para romper com encadeamento precipitado dos segmentos, contar-se-á com uma máquina literária que adianta sua precipitação, que ultrapassa as potências diabólicas antes que todas elas sejam constituídas, Americanismo, Fascismo, Burocracia: como diz Kafka, ser menos um espelho que um relógio que adianta (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 87)

Da burocracia exacerbada que submete homens e mulheres em suas engrenagens aos micros fascismos que limitam a existência humana, sua obra representa uma saída menor que ultrapassa os limites impostos pela maioria guardiã da lei.

O que nos resta, portanto, são linhas de fuga. Segundo Deleuze “é preciso lixar a parede, pois sem um conjunto de impossibilidades não se terá essa linha de fuga, essa saída que constitui a criação, essa potência do falso que constitui a verdade” (DELEUZE, 2013, p. 167). Neste fluxo de comunicações transversais, no qual “uma língua escapa, um animal se introduz e um agenciamento se ramifica”, a obra kafkiana se constitui enquanto puro objeto de experimentação, “um rizoma, uma toca, um mapa de transformações” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 58) que, ao ultrapassar os limites de suas impossibilidades, nos leva aos limites do que é geralmente humano. Dos tornar-se-animais aos agenciamentos sociais e políticos, o universo kafkiano guarda o inquietante mistério de uma obra que possui “entradas múltiplas” e nenhum acesso é privilegiado.

É neste sentido que a oposição entre vida e arte não limita a literatura kafkiana tampouco faz dela a expressão de sua fraqueza ou impotência perante a vida. Segundo os autores franceses “viver e escrever, a arte e a vida, só se opõem do ponto de vista de uma literatura maior. Kafka, mesmo morrendo, é atravessado por um fluxo de vida invencível” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 62). Ao apropriar-se da literatura menor e fazer dela sua

máquina de expressão, a escrita do judeu-tcheco inaugura uma nova (im) possibilidade de narrar. E com isso, fala por aqueles que foram postos à margem pelos poderes instituídos. Em nome da singularidade, da diversidade e da diferença: “Grande e revolucionário, somente o menor” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 40).

Considerações finais

Em uma conferência proferida em maio de 1987, Gilles Deleuze definiu o ato de criação enquanto um “ato de resistência. Resistência à morte, antes de tudo, mas também resistência ao paradigma da informação” (AGAMBEN, 2018, p. 59). A propósito da obra de arte, o autor nos diz que “resistir” significa “sempre libertar uma potência de vida que estava aprisionada” (AGAMBEN, 2018, p. 60). Ao tomar como princípio tal afirmação, o trabalho aqui empreendido buscou compreender a escrita kafkiana enquanto um movimento gerado pela resistência – resistência à morte, antes de tudo, mas também resistência ao poder institucionalizado e suas ramificações que cercam e limitam a vida humana.

Ao fazer da impossibilidade o paradigma estético de sua obra, a literatura de Franz Kafka atua através de uma deformação que permite romper com as categorias impostas pela língua maior. Sua escrita opera em um uso-intensivo do alemão, uso menor, capaz de arrebatá-lo: “trata-se de uma língua enxertada no médio alto-alemão, e que trabalha o alemão tão de dentro que não se pode traduzi-la para o alemão sem aboli-la” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 39). Ao deixar inoperantes as obras da linguagem, a literatura kafkiana se forma através de uma inversão radical. Kafka transforma sua impotência perante a impossibilidade de escrever em potência-de-não e, com isso, exprime uma nova sintaxe em potencial, um fluxo de potência por vir, “uma experiência que comporta uma transformação do sujeito” (AGAMBEN, 2018, p. 23).

Sua produção literária enquanto produção de gueto representa a possibilidade de uma saída menor que nos destaca da opressão da maioria. Imersos neste paradigma moderno no qual tudo está a serviço da maioria estatal, a obra de Kafka nos convida a ter um sonho contrário: saber criar um tornar-se-menor. Transformar sua própria impotência, em potência de não. Pois, como afirma Agamben, “somente a ardente consciência do que não podemos ser que garante a verdade do que somos.”

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O fogo e o relato**: ensaios sobre a criação, escrita, arte e livros. São Paulo: Bointempo, 2018.

BLANCHOT, Maurice. **Kafka e a literatura**. In: A parte do fogo. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, Gilles. **Conversações** (1972-1990). São Paulo, 2013.

KAFKA, Franz. **Diários** 1909-1912. Porto Alegre: L&PM, 2018.

KURSHEL, Karl Josef. **Franz Kafka e a inescrutabilidade do mundo**. In: Os escritores e as escrituras. São Paulo: Loyola, 1999.

LÖWY, Michel. **Sonhador insubmisso**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A vontade de poder**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

The (im)possible literature of Franz Kafka

Abstract

This article aims to analyze the literary production by the writer Franz Kafka, from the Minor Literature concept stated by the philosophers Gilles Deleuze e Félix Guattari. Initially, it is intended to comprehend the impossibilities that define the relation of Kafka with the literature, wherefore, it can be analyzed how the impossible feature of his literary work relates with the minority context which his writing is shaped. Faced with the impossibility of not writing and the contradictions of his Germanic background, the willingness to write that moves the Czech Jew writer opens a potential dialect. In this sense, it is precisely it's impossible feature and, therefore, revolutionary, that his work can be read from Deluze-Guattarine concept of Minor Literature. Without minding so much about the relative matters of the significance and the signification, we intend with this analysis to comprehend the Kafkaesque work as a pure experimentation object, beared with the intensity of an author that lived for and to write.

Keywords: Franz Kafka; minor literature; impossibility.

Recebido: 25 mar. 22

Aprovado: 01 maio 22